

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

26



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2017



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

26

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

CH
CENTRO DE HISTÓRIA

Centro de História da Universidade de Lisboa

2017



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors
Amílcar Guerra, Luís Manuel de Araújo

Assistentes de Edição | Editorial Assistants
Ana Catarina Almeida, Catarina Pinto, Daniela Dantas, Maria Fernandes, Martim Aires Horta

Revisão Editorial | Copy-Editing
Daniela Dantas, Martim Aires Horta

Revisão Ortográfica | Proofreading
Maria Fernandes, Martim Aires Horta

Redacção | Redactional Committee

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), António Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Soles (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université libre de Bruxelles), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Ana Valdez (Universidade de Évora), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svärđ (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhã, (Universidade de Lisboa)

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Loprieno (Universität Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Kanings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Josep Padró (Universitat Autònoma de Barcelona), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P.Hallett (University of Maryland), Julia Treballe (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (University of Edinburgh), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico)

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Margarida Arruda (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Universität Basel), Carlos Alcalde Martín (Universidad de Málaga), Christian Greco (Museo Egizio di Torino), Cristina Guidotti (Museo Egizio di Frieze), Daniel Justel (Universidad Eclesiástica San Dámaso), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Gustavo Vivas García (Universidad de La Laguna), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), Luísa de Nazaré Ferreira (Universidade de Coimbra), João Manuel Nunes Torrão (Universidade de Aveiro), Martin Dinter (King's College London), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Marta González González, (Universidad de Málaga), Nathan Morello (Ludwig-Maximilians-Universität München), Paulo Simões Rodrigues (Universidade de Évora), Ricardo Duarte (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa)

Editora | Publisher
Centro de História Press | 2017

Concepção Gráfica | Graphic Design
Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual
ISSN: 0871-9527
eISSN: 2183-7937
Depósito Legal: 54539/92
Tiragem: 150 exemplares
P.V.P.: €10,00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt
www.centrodehistoria.flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology, under project UID/HIS/04311/2013 and project PEST-OE/SADG/UI0289/2014.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 EDITORIAL

13 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

15 SOTERIOLOGIA ÓRFICA

ORPHIC SOTERIOLOGY

Alberto Bernabé

37 ALEXANDRE O EXPLORADOR DE UM MUNDO NOVO

ALEXANDER, THE EXPLORER OF A NEW WORLD

Maria de Fátima Sousa e Silva

55 ESTUDOS

ARTICLES

57 EXAMINING THE DESIGN, STYLE AND LAYOUT OF THE INNER COFFIN FROM A.60 IN THE FLORENCE EGYPTIAN MUSEUM

Rogério Sousa

81 WHO IS COUNTING? APPRECIATING THE PEER, DESPISING THE OTHER. Social relationships in Homeric Communities from an alterity study

Barbara Alvarez Rodriguez

119 AQUILES E ÁJAX: A 'Poiesis' da alteridade na Ânfora de Exéquias

ACHILLES AND AJAX:

The 'poiesis' of Alterity in Exekias' Amphora

Ana Rita Figueira

141 XANTHIPPIUS OF LAECEDEMONIA: A foreign commander in The army of Carthage

Daniela Dantas

161 SÉNECA E AS ARTES LIBERAIS

SENECA AND THE LIBERAL ARTS

Paulo Sérgio Ferreira

197 TRA OMBRE E LUCI, OVVERO DEL REGRESSO
E DEL PROGRESSO IN ETÀ NERONIANA.

Prolegomena a uno studio interdisciplinare
del principato di Nerone, alla luce del contributo filosofico senecano.

REGRESS AND PROGRESS IN THE NERONIAN AGE.

*Prolegomena to an interdisciplinary analysis
of the Neronian Age, in light of Seneca's philosophical contribution.*

Carlotta Montagna

211 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

213 A BÍBLIA EM PORTUGAL

THE BIBLE IN PORTUGAL

José Augusto Ramos

221 RECENSÕES

REVIEWS

259 IN MEMORIAM

287 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES



AUTORES CONVIDADOS
GUEST ESSAYS

ALEXANDRE, O EXPLORADOR DE UM MUNDO NOVO

ALEXANDER, THE EXPLORER OF A NEW WORLD

Maria de Fátima Sousa e Silva

Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

fanp13@gmail.com |  <https://orcid.org/0000-0001-5356-8386>

Autor Convidado | Guest Author

Resumo

Campanhas com a dimensão das empreendidas por Alexandre precisam, antes de mais, de um impulso, onde pesa a tradição e as ambições pessoais. Mas é decisiva a personalidade do chefe, apurada pela educação e pela informação. Segue-se o confronto com outros mundos, que levam a comparações com a cultura de origem e que, no caso de um Oriente de riquezas, vai alterando o espírito que presidiu ao projecto. Mas sobretudo a distância, geográfica e cultural, impõe uma harmonização e uma diplomacia que são a chave do verdadeiro sucesso.

Palavras chave

Plutarco | Biografia | Avanço científico | Harmonização política

Abstract

Campaigns such as those made by Alexander need, to begin with, an impulse based on tradition and personal ambition. The personality of the leader is at that moment essential,

ameliorated by education and information. Then the contact with other worlds allows comparisons and, in the case of a luxurious Orient, changes the initial spirit of the project. But it is mainly the distance, cultural and geographic, that imposes an open minded political diplomacy as the key for success.

Keywords

Plutarch | Biography | Scientific Advance | Political Harmonisation

O que estimula uma sociedade a promover explorações e campanhas para além do limite da sua jurisdição? Plutarco, e já antes dele Heródoto, respondem, em primeiro lugar, com a tradição, que estipula lemas e deveres àqueles que são os condutores do destino dos homens. Assim, testemunha Heródoto,¹ os Persas, que construíram um grande império no oriente, fizeram-no em atenção a uma regra transmitida e respeitada pela dinastia dos soberanos aqueménidas: “Preserva o que herdaste e acrescenta-lhe mais alguma coisa”. E foi dentro de um espírito semelhante que o ainda jovem Alexandre, de acordo com a versão que Plutarco lhe dedicou na *Vida*, sentiu despertar em si um primeiro impulso conquistador; ao observar a actividade expansionista e os sucessos do pai, Filipe II, o príncipe alimentou o sonho de lhe seguir as pisadas e, mais ainda, de o ultrapassar pelo fôlego das campanhas;² em vez de conforto e facilidades, Alexandre desejou uma herança de esforços e projectos que o afirmasse como superior a Filipe. Neste sentido, por reconhecer no seu herdeiro um talento excepcional, Filipe teve um dia um comentário profético: “Meu filho, arranja um reino à tua medida. A Macedónia é pequena demais para ti.”³ Estava anunciada a carreira de um grande conquistador.

Mas não é só no cumprimento de um dever ou de uma tradição que os grandes movimentos exploratórios encontram estímulo; na verdade, as forças que seguem os chefes em aventuras ousadas inspiram-se em objectivos mais elementares; as provações e riscos que adivinham, confrontam-nos com uma ambição de prestígio e poder, e levam-nos a esperar, nas vantagens e nos prazeres,

1 Hdt. 7.8.1

2 Plu. *Alex.* 5.4-6.

3 Plu. *Alex.* 6.8.

a merecida compensação.⁴ São, portanto, distintas as motivações que hierarquizam os agentes de uma campanha; e todas elas precisam, para que o sucesso aconteça, de ser reconhecidas e satisfeitas.

A estes objectivos de grande dimensão, que antecedem uma campanha de fundo, vêm somar-se necessidades que resultam da própria sequência do processo. É preciso um primeiro plano, que não passa de um esboço grosseiro a afinar em cada momento. No avanço, que se faz de arremetidas violentas, de marchas penosas, ou até de rendições fáceis, surge a necessidade de responder a questões imediatas; carências alimentares, como a precisão de água ou de abastecimento, satisfazem-se pelo combate ou invasão;⁵ assim o enuncia, de forma muito prática, o chefe hindu de Taxila,⁶ ao reconhecer que estes são os únicos motivos que podem obrigar um chefe sensato a combater; todos os demais – que se resumem na apropriação de quaisquer bens – ganham em ser tratados por via negocial.

As tendências inatas que animavam Alexandre manifestaram-se era ele ainda um adolescente a quem, na ausência do pai, coube a regência da Macedónia. E deu sinal a forma como acolheu uma embaixada persa de visita à corte de Pela. Sublinha Plutarco que, além do respeito pelas exigências do protocolo, o jovem anfitrião manteve com os delegados de Dario uma conversa adulta, e sobretudo reveladora; quis conhecer a extensão das estradas que cruzavam o território persa, os percursos abertos até ao interior, a personalidade do rei e o potencial bélico de que dispunha. Com uma habilidade intuitiva, Alexandre obtinha as informações essenciais a uma campanha, então ainda imaginária, e servia-se dos embaixadores como de guias qualificados.⁷

O decurso da campanha exigiu, com frequência, outras contribuições informativas. A cultura antiga estabeleceu, nesta matéria, algumas convenções, a mais incontornável das quais é, sem dúvida, a garantia do patrocínio divino. Consultar um oráculo credível e observar o sentido da sua manifestação é um

4 Plu. *Alex.* 28.5.

5 Plu. *Alex.* 59.2.

6 Taxiles era o título do governador de Taxila, de seu nome Ambhi. Tratava-se de uma região poderosa, situada entre os rios Indo e Hidaspes, onde as tropas macedónias puderam ver uma primeira grande cidade da Índia. Taxila era conhecida como um grande centro comercial e uma cidade de cultura, onde os Brahmins se acumulavam. As ruínas desta cidade têm sido objecto de escavações arqueológicas; veja-se Marshall 1959. Foi em 326, depois de atravessar o Indo, que Alexandre lá chegou.

7 Plu. *Alex.* 5.2-3.

passo que produz segurança; a simples observância do respeito pela autoridade dos deuses é, em si mesma, uma medida profiláctica. A campanha da Ásia, que o Macedônio conduziu, teve à partida o beneplácito de Apolo em Delfos⁸ e de Orfeu em Libetra;⁹ mas, em ocasiões determinantes para a sua prossecução, Alexandre não deixou de confirmar esses bons augúrios; assim, depois de Apolo o ter considerado ‘invencível’, e de Orfeu ter previsto o esforço de poetas e cantores no louvor dos seus feitos, foi o prestigiado oráculo de Âmon, no Egito,¹⁰ quem lhe garantiu que reinaria sobre toda a Humanidade.

No plano humano, outro tipo de diligências se mostrou relevante. A historiografia, com grande insistência em Heródoto,¹¹ consagrou a figura do conselheiro, o homem sábio ou informado que presta ao soberano – que visita ou serve – esclarecimentos como um verdadeiro “tipo” literário. Muitas vezes, como é o caso do macedônio Amintas junto de Dario, trata-se de um exilado conhecedor do inimigo, cujas sugestões são, por isso, de enorme utilidade;¹² é por conhecer bem a personalidade de Alexandre que Amintas pode prever os seus movimentos e aconselhar a Dario a melhor estratégia para o enfrentar. É conhecida a renitência, muitas vezes simbólica, do soberano poderoso; mas ao desconhecer o conselho prudente que lhe é dado, projecta, com maior evidência, a sua incapacidade ou cegueira. Dario incorre nesse erro, ainda que de forma passageira; logo a evidência da situação – qual o melhor terreno para tirar partido de um exército numeroso – o força a corrigir a recusa e a adoptar a estratégia proposta por Amintas.

No terreno, os guias locais são sempre de uma utilidade inegável. Se dotados de competência linguística, capazes de se exprimirem em mais do que uma língua, são prestimosos nas suas informações: ou indicando um caminho mais curto e acessível, apenas conhecido dos residentes, como aquele de que Alexandre se serviu no acesso ao coração da Pérsia;¹³ ou, já na Índia, dando informações sobre a personalidade de um soberano e da sua capacidade de resistência, os informadores facilitaram o

8 Plu. *Alex.* 14.6-7.

9 Plu. *Alex.* 14.8-9. Libetra ficava na Macedónia, na base do monte Olimpo, e estava ligada ao mito de Orfeu.

10 Plu. *Alex.* 27.6.

11 Lattimore 1939, 24-35.

12 Plu. *Alex.* 20.1-6.

13 Plu. *Alex.* 37.1. Ou seja, a terra de origem dos Persas, nas montanhas do Irão, onde se situavam duas das cidades reais, Persépolis e Pasárgadas.

ataque e o domínio da cidadela de Sisímitres,¹⁴ e reprimiram, avantajando-lhe as dificuldades, a travessia do Ganges.¹⁵

Um rei culto, como era o caso de Alexandre, pode ainda obter pela leitura informações preciosas, de carácter geral. A *Iliada*, de que possuía uma edição anotada por Aristóteles que o acompanhava sempre, funcionou para o Macedónio como um manual de arte militar,¹⁶ e até, em circunstâncias específicas, a menção a um lugar, como a que a *Odisseia* faz da ilha de Faro, fronteira a Alexandria, pôde ser inspiradora para a fundação da mais importante das cidades epónimas de Alexandre.¹⁷

O comando da campanha da Ásia foi formalmente atribuído a Alexandre por uma assembleia de Gregos, em Corinto,¹⁸ e com ele o motivo da expedição: vingar a invasão da Grécia dirigida por Xerxes, já mais de um século era passado. Senhor de uma legitimidade com que sonhava e que agora via reconhecida, o rei preparou-se então para um empreendimento que, na verdade, tal como Xerxes, ele herdara do pai.

O recrutamento das forças e o respectivo catálogo constituem, desde a épica, um tópico convencional na narrativa de uma campanha. Os efectivos com que Alexandre inicia o processo compõem-se de uma força terrestre, de infantaria e cavalaria, recrutada entre os Macedónios e os Gregos, tendo em conta a sua reconhecida qualidade.¹⁹ Às forças armadas, associou-se uma vasta equipa de técnicos, competentes em diversas áreas – botânicos, zoólogos,²⁰ geógrafos, historiadores,²¹ médicos²² e arquitectos²³ –, que fizeram, do que era sobretudo uma manobra militar, uma verdadeira expedição, com uma forte componente cultural e científica.

As provisões com que a campanha pôde contar à partida foram escassas;

14 Plu. *Alex.* 58.3-4. Conquista consumada em 328-327 a. C. Com esta campanha, Alexandre promovia a pacificação do extremo nordeste do antigo império persa.

15 Plu. *Alex.* 62.2-3.

16 Plu. *Alex.* 26.3.

17 *Od.* 4.354-355; Plu. *Alex.* 26.5-7.

18 Plu. *Alex.* 14.1.

19 Plu. *Alex.* 15.1.

20 Plu. *Alex.* 66.2-3.

21 Há mais de uma vintena de historiadores próximos do biografado que Plutarco identifica: Anticlides (Plu. *Alex.* 46.2), Antígenes (46.1), Aristobulo (15.1, 16.15, 18.4, 21.9, 46.2, 75.6), Aristóxeno (4.4), Calístenes (27.4, 33.1, 10), Cares (20.9, 24.14, 46.2, 54.4, 55.9, 70.2), Clitarco (46.1), Dínon (36.4), Dúris (15.2, 46.2), Eratóstenes (3.3, 31.5), Filipe da Calcídica (46.2), Filipe de Teângela (46.2), Filon (46.2), Hecateu de Erétria (46.2), Hegésias (3.6), Heraclides (26.2), Hermipo (54.1), Istro (46.1), Onesícrito (8.2, 46.1, 60.7, 61.1, 65.1, 66.3), Policlito (46.1), Ptolemeu (9.5, 46.2).

22 Plu. *Alex.* 19.4, 63.11-13, 72.2.

23 Plu. *Alex.* 26.4, 72.5-8.

mesmo assim, além de terem enfraquecido o erário macedónio, exigiram ainda um empréstimo avultado, superior a 200 talentos.²⁴ Tanto quanto os testemunhos citados por Plutarco sugerem, o aprovisionamento inicial não garantia mais do que trinta dias de manutenção. Naturalmente que se esperou, dos territórios a percorrer e dos saques infligidos aos vencidos, meios e provisões para o prosseguimento de uma longa marcha. Expectativa que a evolução da campanha, pelo menos na fase que conduziu à realização do seu primeiro objectivo – tomar o poder da Pérsia – excedeu. Logo após a primeira vitória, junto ao Granico,²⁵ o saque abriu perspectivas sobre uma outra civilização, onde a abundância e o luxo imperavam. Armas, taças, púrpuras²⁶ permitiram a Alexandre presentear os Gregos e, na Macedónia, a mãe, convertendo objectos em embaixadores do sucesso.²⁷ Sucessivas vitórias foram tornando os saques cada vez mais sedutores. Depois da batalha de Isso,²⁸ o acampamento abandonado pelos bárbaros deixou atónitos os invasores; a tenda de Dario, reservada a Alexandre, com a criadagem, mobiliário, tesouros e fragrâncias, expôs, diante do Macedónio, uma outra forma de ‘ser rei’.²⁹ Damasco, onde os Persas tinham deixado boa parte dos seus haveres antes de avançarem para a luta, revelou ainda outras riquezas, que foram generosamente distribuídas pelos combatentes, beneficiando as hostes que maior empenho tinham mostrado em combate.

A partir deste momento, Plutarco sublinha uma transformação no comportamento dos Macedónios; depois de experimentarem o sabor do ouro, da prata, das mulheres e do luxo bárbaro, eram como cães, mal lhe farejavam o rasto, a perseguir e a abocanhar a riqueza persa.³⁰ No comentário vai contido um alerta sobre uma mudança radical no comportamento do invasor; de sóbrios e modestos, os homens de Alexandre encontravam agora no luxo o principal incentivo para avançar. Um primeiro sinal de corrupção era visível. O futuro de sucesso permitiu ao rei satisfazer essa motivação; novas distribuições foram feitas após a batalha

24 Plu. *Alex.* 15.2-3.

25 Rio de pequeno curso, situado na Tróade e na Frígia, que desaguava no mar de Mármara. Sobre esta luta nas margens do Granico, cf. Arr. 1.13-16; D. S. 17.18.4. Veja-se Bury, Cook, et Adcock 1969, 361-66.

26 Plu. *Alex.* 16.17-19.

27 Este gesto havia de repetir-se noutras fases da campanha (Plu. *Alex.* 25.6-8).

28 Sobre a batalha de Isso (333 a. C.), veja-se Bury, Cook et Adcock 1969, 366-69.

29 Plu. *Alex.* 20.11-13.

30 Plu. *Alex.* 24.3.

de Gaugamelos³¹ e, com Alexandre já senhor da Ásia, depois dos saques de Susa, Persépolis e Ecbátana;³² ao dinheiro, foram-se juntando as propriedades e regalias políticas. Pouco a pouco, a frugalidade deu lugar a um aparato inspirado nas tradições orientais. As refeições converteram-se em banquetes, apesar das restrições que Alexandre, pessoalmente, continuava a praticar. Mas as tentações vinham de toda a parte; Ada, a quem o conquistador instalou no trono da Cária,³³ presenteava-o com petiscos e guloseimas, pondo à sua disposição os melhores cozinheiros.³⁴ Nessas ofertas iam certamente iguarias locais, como exóticas eram também as frutas gregas com que o rei se via por vezes presenteado nas profundezas da Ásia.³⁵ Eram sobretudo os jantares, a refeição mais lauta porque também mais social, aquela em que um maior número de convidados tomava parte; da supervisão do serviço, o rei ocupava-se então pessoalmente;³⁶ o crescendo consumista atingiu tais níveis que foi preciso estipular-lhe limites para os gastos.³⁷ Quando o êxito atingiu o auge, a companhia macedónia tinha-se por completo transformado. De todos se foi apoderando o gosto por hábitos extravagantes. Os generais passaram a usar, no quotidiano, produtos preciosos e de importação; Hágnon pregos de prata nas botas; Leonato um pó egípcio para as práticas desportivas; Filotas redes de caça descomunais; a mirra substituiu o azeite nas massagens.³⁸ O conforto e a inactividade ganharam atractivo sobre o esforço e o combate.³⁹ De facto, o equipamento multiplicou-se de tal forma que se tornou um impedimento para o avanço militar. Por isso, quando se tratou de progredir contra a Índia, o rei viu-se na necessidade de mobilizar a adesão dos seus homens para a destruição de parte dos carros que transportavam as bagagens; recuperou assim, de alguma forma, a leveza do ponto de partida, que deu a Alexandre um novo ânimo para prosseguir.⁴⁰

31 Plu. *Alex.* 34.1. Veja-se Bury, Cook e Adcock 1969, 379-82. Foi em Outubro de 331 que Alexandre se dirigiu a Gaugamelos, onde sabia que Dário estava aquartelado, com uma força enorme e organizada de cavalaria e infantaria.

32 Plu. *Alex.* 36.1-2, 37.4, 39.1-12, 48.4.

33 Sobre Ada, cf. Arr. 1.23.7-8; Strab. 656-657; D. S. 16.45.7; 16.69.2; 16.74.2. E ainda, Bosworth 1988, 229-30; Carney 2005, 65-91.

34 Plu. *Alex.* 22.7-9.

35 Plu. *Alex.* 50.3.

36 Plu. *Alex.* 23.5-6.

37 Plu. *Alex.* 23.9-10.

38 Plu. *Alex.* 40.1.

39 Plu. *Alex.* 41.1.

40 Plu. *Alex.* 57.1-2.

Apesar de toda esta abundância, que o terreno e o sucesso garantiam, a campanha de Alexandre não foi poupada às dificuldades; a falta de provisões e o clima mostraram-se adversários de peso. Por vezes, o acaso – ou, em versões fantasistas, o dedo divino – abriu caminhos e reduziu asperezas. Na Panfília, por exemplo, o mar, que em geral batia no sopé de uma falésia abrupta, pareceu recuar, deixando a descoberto uma passagem pedregosa rente à costa;⁴¹ a travessia do deserto egípcio, até ao oráculo de Âmon, ameaçou com perigos conhecidos: a falta de água e o vento forte do sul responsável por tremendas tempestades de areia; Cambises⁴² tornou-se o exemplo da voracidade do deserto quando, no mesmo percurso, perdeu 50 000 homens que desapareceram sem deixar rasto. Alexandre, na sua obstinação de repetir igual aventura, foi mais afortunado; uma chuva excepcional anulou o perigo da sede e acalmou a aridez do solo; sobre um chão mais consistente e com um ar mais respirável, a marcha progrediu com sucesso;⁴³ conta a lenda que até um bando de corvos lhe serviu de guia, por especial concessão divina.

Mas nem sempre o contexto se mostrou tão favorável. Ocasões houve em que a fadiga e as condições naturais do terreno – como um banho tomado num rio de águas geladas – provocaram doenças.⁴⁴ As marchas de centenas de quilómetros, associadas à falta de água⁴⁵, constituíram uma ameaça terrível.⁴⁶ O contraste de um clima mais rigoroso com a suavidade do grego exigia maior protecção.⁴⁷ Os próprios ferimentos de combate justificaram a perda de muitas vidas.⁴⁸ Já na rota de decadência, que a incursão pela Índia representou para Alexandre, o desafio da travessia do deserto, agora de Gedrósia,⁴⁹ colocou-se-lhe de novo. E como se a vontade divina se pusesse em sintonia com a curva descendente que o conquistador agora experimentava, desta vez as agruras do terreno fizeram-se sentir com toda a agressividade.⁵⁰ Medidos em vidas humanas, os efeitos das doenças, da má

41 Plu. *Alex.* 17.6.

42 Hdt. 3.26.3

43 Plu. *Alex.* 27.1-4.

44 Plu. *Alex.* 19.2.

45 A importância da água é atestada pelo facto de se incluir nos tesouros da corte persa, como marca dos limites e do potencial de um grande império (36.4).

46 Plu. *Alex.* 42.6-9.

47 Plu. *Alex.* 52.8.

48 Plu. *Alex.* 58.1.

49 No regresso do oceano Índico, Alexandre escolheu, como rota, a travessia do deserto de Gedrósia (Beluchistão), expondo os seus homens às piores condições e causando um elevado número de baixas.

50 Plu. *Alex.* 66.4-7.

alimentação, do calor, da fome numa região estéril, saldaram-se na perda de mais de três quartos dos efectivos envolvidos na campanha.

A exigência da campanha levou à necessidade de algum refrescamento periódico das forças. O reenvio à pátria de inválidos e veteranos,⁵¹ ou de forças que, em função do evoluir da campanha, se mostraram inúteis⁵² foi a consequência de uma marcha muito dilatada no tempo. Em contrapartida, Alexandre teve necessidade, em momentos cruciais, de mobilizar os espíritos e de contagiar os seus homens de entusiasmo por uma nova etapa; assim procedeu antes da campanha contra a Hircânia, estimulando primeiro as elites com argumentos de um visionário:

Aos que assim o desejassem autorizava a retirada; mas daí tirava a conclusão de que, enquanto conquistava para os Macedónios o mundo conhecido, eles o tinham deixado só com os amigos e com os que estavam dispostos a prosseguir a expedição.⁵³

Argumentos mais do que oportunos, porque se mostrou difícil acompanhar o fôlego insaciável que animava Alexandre; alguns sinais de cansaço transpareceram naqueles que viam o regresso à pátria como um desfecho cada vez mais desejável. Assim, o incêndio do palácio real de Persépolis, congeminado como um acto de vingança no calor do simpósio, soou como uma esperança àqueles que entendiam a destruição como o gesto de quem não procurava converter-se num residente em tão remotas paragens.⁵⁴

Ao mesmo tempo que o avanço militar produzia combates e resultava em conquistas, sucedia-se o contacto com uma realidade paisagística e humana desconhecida, para satisfação da curiosidade dos Macedónios. Alguns lugares, por demais famosos, ofereceram aos visitantes a verificação de uma expectativa; a primeira visita que Alexandre fez em solo asiático levou-o ao túmulo de Aquiles, um seu ascendente, e permitiu-lhe um passeio tranquilo pela cidade, para simples conhecimento dos seus atractivos;⁵⁵ em paralelo, quando se aproximava já o termo da campanha e da vida do conquistador, visitou o túmulo de Ciro,⁵⁶ o grande

51 Plu. *Alex.* 41.9, 71.2, 71.8.

52 Plu. *Alex.* 42.5.

53 Plu. *Alex.* 47.1-4.

54 Plu. *Alex.* 38.7-8.

55 Plu. *Alex.* 15.7-9.

56 Plu. *Alex.* 69.3-5. Situado em Pasárgadas, antiga capital da Pérsia.

construtor do império persa que agora lhe pertencia. Górdio,⁵⁷ considerada a residência do rei Midas, atraiu-o pelo famoso carro atrelado com fibras de corniso; lá ouviu relatar a tradição de que quem desatasse o nó se tornaria soberano do mundo inteiro, façanha promissora que Alexandre levou a cabo.

Além da demanda de lugares de visita obrigatória, o rei foi surpreendido pelas novidades naturais que a Ásia lhe reservava. Babilónia, uma região e cidade de referência, que se lhe rendeu facilmente, maravilhou-o pela nafta que lhe brotava do solo.⁵⁸ A capacidade de combustão da nafta alertou para o calor natural do solo de Babilónia, “a ponto de que os grãos de cevada saltam e se projectam no ar (...) e os habitantes, no tempo quente, dormem em cima de odres cheios de água”.⁵⁹ Aos Macedónios foi também patente a diferença com a realidade grega; Hárpalo,⁶⁰ que lá estava como governador, verificou que, no jardim à grega que lá tentou plantar, todas as espécies vingavam menos a hera, uma planta que gosta do frio.⁶¹ Experiência igualmente fascinante foi o achado ocasional do petróleo,⁶² junto ao rio Oxo, entre a Bactriana e a Sogdiana. Ao cavar-se o terreno para instalar a tenda real, dele brotou um líquido gorduroso, negro à superfície, mas logo a seguir com a consistência, o cheiro, o paladar e o brilho do azeite; a surpresa adveio de o fenómeno ocorrer num terreno onde não havia oliveiras.

O tempo de repouso concedido às tropas, por vezes por meses seguidos,⁶³ criou espaços de lazer e fruição, mas também de desempenho de funções administrativas. Como homem culto, inteligente e chefe responsável, Alexandre aproveitava os descansos para aplicar a justiça, tratar de assuntos militares e ler, sem descurar a forma física, com caçadas e refeições ligeiras.⁶⁴ Algumas festas podiam animar o quotidiano da campanha. Festivais de teatro, que rentabilizavam

57 Plu. *Alex.* 18.2.

58 Plu. *Alex.* 35.

59 Plu. *Alex.* 35.14.

60 Hárpalo foi tesoureiro de Alexandre, de quem tinha sido amigo de infância. Seguiu Alexandre na campanha da Ásia e tornou-se, depois da batalha de Gaugamelos, o responsável financeiro pela administração do império. Não se mostrou, porém, digno da confiança que a função e a relação pessoal exigiam. Quando Alexandre regressou da Índia, Hárpalo desertou primeiro para a Cilícia e, em 324 a. C., fugiu para Atenas portador de uma boa soma de dinheiro, com que pretendia – sem ter obtido sucesso – incitar uma rebelião grega contra Alexandre. Acabou morto em Creta por um dos seus homens. Cf. Plu. *Dem.* 25-26.

61 Plu. *Alex.* 35.15.

62 Plu. *Alex.* 57.5-8.

63 Plu. *Alex.* 37.6.

64 Plu. *Alex.* 23.3-4.

a circulação de actores gregos em grande número, proporcionaram, em território longínquo, a satisfação do espírito e uma permuta de culturas. Foi assim que, na Fenícia,⁶⁵ se organizaram grandes concursos teatrais, à semelhança dos de Atenas; foram coregos os reis de Chipre, houve um júri credenciado e actores de qualidade. E, de igual modo, na Média ocorreram novos festivais,⁶⁶ para o que se dispôs de não menos de 3000 artistas, os chamados “artistas de Dioniso”, profissionais organizados em grupos que circulavam por todo o mundo grego.

Aos festejos de natureza cultural, Plutarco acrescenta os de sentido político, que ocorrem em momentos simbólicos da narrativa. Em Persépolis, organizou-se, no palácio real persa, um enorme simpósio, que terminou, no calor do vinho, no incêndio da mansão real como vingança das chamas com que Xerxes, um século e meio antes, tinha fustigado Atenas.⁶⁷ Este gesto de excesso coroou um objectivo político – o de dominar a Pérsia – que chegava ao fim; mas deixou também, nos companheiros do rei, a esperança de que quem incendeia os edifícios não pretende fixar residência longe da pátria. Festa e fogo exprimiam, em unísono, vitória e decadência. Expressiva do extremo da derrocada é, sem dúvida, a narrativa da travessia da Carmânia, no regresso das costas do oceano Índico;⁶⁸ à disciplina militar substituiu-se um cortejo báquico, às lanças e elmos, vasos e taças. Estes eram os Macedónios de volta de uma extraordinária aventura; a desordem de que davam a imagem tornou-se um incentivo à revolta e violência que delapidou um império.

Ao convívio com o terreno somou-se o relacionamento com os locais, autoridades e populares. O tratamento dos vencidos impôs uma primeira condição de respeito mútuo. O escrúpulo que Alexandre observou no tratamento da mãe, mulher e filhas de Dario – a quem permitiu sepultar, com dignidade, os Persas caídos em combate, a quem deu um orçamento e regalias mais folgadas do que o seu estatuto exigia e, sobretudo, preservou incólumes num acampamento militar⁶⁹ – valeram-lhe o apreço geral, até do próprio soberano persa. Autorizado pelo exemplo que dava, Alexandre pôde punir os seus subordinados que violassem as mulheres locais.⁷⁰

65 Plu. *Alex.* 29.1-5.

66 Plu. *Alex.* 72.1.

67 Plu. *Alex.* 38.

68 Plu. *Alex.* 67.

69 Plu. *Alex.* 21.4-5, 22.5.

70 Plu. *Alex.* 22.4.

Com os soberanos vencidos propôs-se negociar com diplomacia. É certo que não aceitou os presentes com que Dario pretendeu pôr fim à invasão: 10 000 talentos, o território aquém do Eufrates e uma das suas filhas em casamento.⁷¹ Neste caso, a oferta generosa de um inimigo de quem cobrava uma vingança não foi aceite; só a rendição incondicional podia satisfazer o vencedor. Mas, na campanha da Índia, usou de uma grande tolerância para com as autoridades locais; mais do que fazê-las ceder, pretendeu obter delas simpatia e lealdade, de modo a tornar coeso e pacífico o império que ia construindo. O processo diplomático que se seguiu à tomada de Nisa é disso a prova;⁷² aos embaixadores das cidades sitiadas que se apresentaram para negociar, Alexandre recebeu-os com simplicidade e cortesia; e abriu-se a uma aliança com os locais, que passasse por um governador da sua confiança à frente da região e do recrutamento de tropas de qualidade para o reforço das suas. Com estes acordos, o invasor renovava os efectivos, em compensação dos veteranos e incapazes que devolvia à Macedónia. De igual modo com o governador de Taxila, um território fértil e rico, aceitou depor armas e trocar presentes, para garantir a consideração dos bárbaros;⁷³ e com Poro, que mantinha, na derrota, uma dignidade impressionante, condescendeu em corresponder ao tratamento que o hindu reivindicava: o de o tratar ‘como um rei’.⁷⁴

Dentro do mesmo respeito pelas culturas locais, Alexandre quis ouvir os gimnosofistas,⁷⁵ os filósofos hindus célebres pelo seu saber e sagacidade.⁷⁶ Apesar de contar com a resistência que fomentavam contra os seus interesses, Alexandre não deixou de os ouvir e de os poupar, num respeito que sempre alimentou pela excelência. O único deslize que Plutarco assinala foi a captura, à traição, dos mercenários hindus,⁷⁷ inimigos terríveis para as suas pretensões de conquistador.

71 Plu. *Alex.* 29.7.

72 Plu. *Alex.* 58.7-9.

73 Plu. *Alex.* 59.1-5.

74 Plu. *Alex.* 60.14-15.

75 Plu. *Alex.* 64, 65.1-3

76 Os Gimnosofistas, ou ‘filósofos nus’ – os Brahmins do Punjab –, a que Plutarco se refere, em 59.8, como rebeldes ao poder de Alexandre e agentes de insurreição dos reis locais, protagonizam aqui um episódio convencional: o diálogo com um senhor poderoso a quem respondem sobre grandes questões universais. Acresce-lhe o facto de este encontro representar também o confronto de duas culturas, os valores da grega, que Alexandre representa, com os de uma filosofia oriental. No entanto, Whitmarsh 2002, 185, vê nas intervenções destes filósofos hindus alguns traços que os aproximam da filosofia grega: a braquilogia da resposta como um traço socrático, e o teor das respostas como típico dos cínicos.

77 Plu. *Alex.* 59.6-8.

Depois de simular uma trégua com eles, Alexandre chacinou-os em emboscada. Foi este um comportamento excepcional contra o código de guerra que, em geral, respeitava, a assinalar uma fase que, na narrativa biográfica, é já de decadência.

Não foi só pela tolerância e respeito pelos vencidos que Alexandre tentou consolidar o seu poder como senhor da Ásia. Tomou igualmente medidas activas, no sentido de promover a fusão entre Macedónios e orientais e de reduzir as diferenças de cultura. Começando por atitudes simples, mas significativas, adoptou, pouco a pouco, o traje bárbaro, num compromisso entre o medo e o persa.⁷⁸ Contraíu casamento com Roxana,⁷⁹ filha de um nobre da Bactriana,⁸⁰ a quem, apesar da atracção que sentiu por ela, possuiu apenas por via legal; e em Susa⁸¹ organizou uma boda faustosa, para celebrar a união de oito dezenas de pares – homens macedónios com mulheres persas – a que ele mesmo se associou tomando por esposa uma das filhas de Dario, Estatira.⁸²

Embora compreendido por alguns, Alexandre não pôde evitar que a contestação entre os Macedónios fosse crescendo. A reacção foi despoletada com mais vigor por duas situações de peso diverso, mas concorrentes para o mesmo sentido de fusão. Em primeiro lugar, o recrutamento de 30 000 jovens locais, que serviram de teste à sua política; num grande projecto, foi-lhes ministrado o ensino do grego e o manejo das armas macedónias.⁸³ O êxito deste plano acarretou inconvenientes graves; no mesmo momento em que Alexandre se revia nos bons resultados obtidos, tinha de enfrentar

78 Plu. *Alex.* 45.1-3.

79 Plu. *Alex.* 47.7-8.

80 Alexandre capturou Roxana, filha de um nobre da Bactriana, Oxiartes, em 328, e casou com ela no ano seguinte, no verão de 327. Deste casamento veio a nascer um herdeiro, Alexandre IV, já após a morte do pai.

81 Plu. *Alex.* 70.3.

82 Esta festa celebrava, por um lado, a conquista do império persa, mas também, com os casamentos mistos entre militares macedónios e mulheres persas, a desejável fusão entre ocupantes e ocupados. Foram 80 as bodas de oficiais então realizadas, além de milhares de outras a nível do exército em geral. Estatira, como sua mãe, também ela Estatira de seu nome, a filha mais velha de Dario III, converteu-se, após a batalha de Isso, em cativa do vencedor. Era senhora de uma beleza sedutora que herdara dos pais (Plu. *Alex.* 21.6). É ainda sabido que Alexandre deu indicações para que as princesas persas sob sua custódia recebessem lições de grego e de cultura grega (D.S. 17.67, 1), dentro de uma política bem visível de harmonização social entre vencedores e vencidos. Por isso, Alexandre, que já antes, em 327, tinha casado com Roxana, desposou (324 a. C.), em Susa, Estatira. São vários os testemunhos e versões que dão conta do brilho desta celebração (Arr. 7.4.1-8; D. S. 17.107. 6; Just. 12.10.9-10; Athen. 538b-539a). A festa durou cinco dias e foi acompanhada por músicos, bailarinos e actores recrutados em todo o mundo grego. De resto, Alexandre tomava por esposa não apenas uma, mas duas princesas persas, a filha mais velha de Dario, Estatira, e a filha mais nova de Artaxerxes III. Assim, o autoproclamado sucessor de Dario e Artaxerxes casava com uma filha de cada um dos seus antecessores, numa vontade manifesta de dar continuidade ao regime persa.

83 Plu. *Alex.* 47.5-6

uma greve dos seus comandantes mais dedicados,⁸⁴ que não toleraram ver o seu rei rodeado de uma escolta persa.⁸⁵ Melindrosa foi igualmente a tentativa que Alexandre fez de implementar a *proskynesis*, a vénia ao rei, na corte.⁸⁶ Hábito claramente oriental, esta atitude, entendida como gesto de subserviência ou humilhação, repugnava aos Gregos. Desta vez Alexandre teve de ceder à recusa dos seus homens, representados por Calístenes; a rebeldia do filósofo, sobrinho de Aristóteles e homem respeitado entre os que integravam a campanha, custou-lhe a vida, mas livrou os companheiros de uma prática insustentável.

Consideremos, por fim, à margem da campanha, a preocupação que este explorador vanguardista teve com o registo das realidades que foi desvendando. Em primeiro lugar, seguindo o modelo de Aquiles que encontrou para as suas façanhas um cantor à altura, Homero, também a Alexandre foi anunciado o suor que poetas e músicos dispenderiam para lhe celebrar os feitos.⁸⁷ Mas um tempo que já não era épico exigiu de um outro herói um entendimento diferente de ‘memória’. Mais do que louvores, Alexandre zelou pelos registos das diversas etapas da sua aventura; para isso rodeou-se de cronistas numerosos, que se multiplicaram em narrativas históricas e biográficas,⁸⁸ de maior ou menor fidedignidade. Do quotidiano do exército passou a fazer parte ‘o diário de campanha’,⁸⁹ repositório das ocupações e actividades, privadas e públicas, do soberano, a cargo de um cronista ou secretário.⁹⁰

O próprio Alexandre mantinha uma correspondência frequente, não só de carácter pessoal – até surpreendente pelos assuntos mesquinhos que lhe mereciam atenção –, mas sobretudo voltada para a informação das novidades que o desconhecido proporcionava; familiares, amigos, homens de confiança eram os seus destinatários. Muitas vezes os depoimentos do rei serviram de contraprova às versões contraditórias que corriam,⁹¹ o resultado de uma batalha,⁹² uma profecia

84 Plu. *Alex.* 71.1-9.

85 Cf. Plu. *Alex.* 51.2.

86 Plu. *Alex.* 54.3-6.

87 Plu. *Alex.* 14.8-9.

88 Plu. *Alex.* 17.4, 17.6

89 Plu. *Alex.* 23.4, 76.

90 Estes registos diários da vida do rei, das suas ocupações e actividades privadas e públicas, deveriam estar a cargo de um cronista ou secretário. Há quem pense, porém (cf. Guzmán Guerra 1986, 62), que se trata de relatos tardios, que não reproduzem documentos oficiais do tempo de Alexandre. Eumenes da Cária (juntamente com Diódoto de Éritras) era o responsável por essas funções.

91 Plu. *Alex.* 17.8.

92 Plu. *Alex.* 20.9.

entretanto obtida⁹³, uma descoberta extraordinária como foi o caso do petróleo⁹⁴, encontraram em Alexandre um relator cuidadoso.

Mais do que dar a conhecer aos Macedónios um universo estranho e distante, o conquistador quis deixar, nos territórios percorridos, a sua marca. Plutarco dá conta dos memoriais com que o rei assinalou um feito ou aqueles que dele foram autores. Junto ao Granico, fez erguer um monumento em honra dos companheiros caídos em combate.⁹⁵ A Demarato, um velho e leal amigo que saudou, com emoção, o ponto climático da campanha – sentar-se no trono de Dario –, dedicou um túmulo faustoso;⁹⁶ e homenagem semelhante lhe mereceu Heféstion, um companheiro próximo, cujo mausoléu representou um desafio à magnificência, originalidade e ousadia.⁹⁷

Significativas foram as muitas cidades a que deixou ligado o seu nome. Mas nenhuma se mostrou tão promissora como a Alexandria egípcia, para cuja fundação Alexandre contou com o apoio dos deuses, do destino e com a competência dos seus técnicos.⁹⁸ Pontualmente, ao que era sobretudo um gesto político, sobrepôs-se a emotividade, que o levou a erguer cidades em memória do famoso Bucéfalo e de um cão, Peritas, detentores do seu afecto muito particular.⁹⁹

O Alexandre a que Plutarco dedicou uma das suas *Vidas Paralelas* é retratado como general de mérito, intelectual preparado e curioso, e como detentor de uma natural autoridade. Qualidades essas que pôs ao serviço da corte macedónia, mas de que veio a beneficiar a Humanidade. Na linhagem dos exploradores, os que souberam dar novos mundos ao mundo, Alexandre angariou um lugar destacado.

93 Plu. *Alex.* 27.8.

94 Plu. *Alex.* 57.8.

95 Plu. *Alex.* 16.16.

96 Plu. *Alex.* 56.2.

97 Plu. *Alex.* 72.5.

98 Plu. *Alex.* 26.4-10.

99 Plu. *Alex.* 61.

BIBLIOGRAFIA

- Beneker, Jeffrey. 2009. "Drunken violence and the transition of power in Plutarch's *Alexander*." In *Symposium and philanthropia in Plutarch*, eds. José Ribeiro Ferreira, Delfim Ferreira Leão, Manuel Tröster et Paula Barata Dias, 193-200. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- Bergua Cavero, Jorge, Salvador Bueno Morillo, Juan Manuel Guzmán Hermida y María Luisa Alía Alberca, trans. 2007. Plutarcho. *Vidas Paralelas*. Madrid: Gredos.
- Bosworth, Albert Brian. 1988. *Conquest and empire: the reign of Alexander the Great*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bradford Welles, Charles. 1962. "The discovery of Serapis and the foundation of Alexandria." *Historia* 11 (3):271-98.
- Burn, Andrew Robert. 1964. *Alexander the Great and the Hellenistic World*. London: English Universities Press.
- Bury, John Bagnell, Stanley Arthur Cook and Frank Adcock. 1969. *The Cambridge Ancient History*. Vol. 6, *Macedon*. Cambridge: University Press.
- Carney, Elizabeth Donnelly. 1992. "The politics of polygamy: Olympias, Alexander and the murder of Philip." *Historia* 41:169-89.
- . 2005. "Women and *Dunasteia* in Caria." *AJPh* 126 (1): 65-91.
- Cook, Brad L. 2001. "Plutarch's use of *légetai*: narrative design and source in *Alexander*." *GRBS* 42 (4):329-60.
- Flacelière, Robert, trans. et ed. 1975. Plutarque. *Vies*, IX. Paris: Les Belles Lettres.
- Griffith, Guy Thompson. 1966. *Alexander the Great. The main problems*. Cambridge: Heffer.
- Guzmán Guerra, Antonio, trans. 1986. Plutarcho. *Diodoro Sículo. Alejandro Magno*. Madrid: Akal.
- Hamilton, J. R. 1969. *Plutarch. Alexander. A commentary*. Oxford: Clarendon Press.
- Hammond, Nicholas Geoffrey Lemprière. 1993. "Alexander's letter concerning Samos in Plut. *Alex*. 28. 2." *Historia* 42 (3):379-82.
- . 1993. *Sources for Alexander the Great: an analysis of Plutarch's Life and Arrian's Anabasis Alexandrou*. Cambridge: University Press.
- King, Carol. J. 2004. *Alexander and divination: dreams, omens, and Aristander of Telmessus in the Alexander historians*. Dissertação de Doutoramento em Filosofia. Providence: Brown University.
- La Penna, Antonio, et Domenico Magnino, trans. 1998. Plutarcho. *Vite Parallele. Alessandro. Cesare*. Milano: Rizzoli.
- Lattimore, Richmond. 1939. "The wise adviser in Herodotus". *CPh* 34:24-35.
- Marshall, John. 1959. *Taxila*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mossman, Judith. 1988. "Tragedy and epic in Plutarch's *Alexander*." *JHS* 108:83-93.
- . 1992. "Plutarch, Pyrrhus and Alexander." In *Plutarch and the historical tradition*, ed. Philip Stadter, 90-108. London: Routledge.
- Pearson, Lionel. 1960. *The lost histories of Alexander the Great*. New York: Macmillan.
- Prandi, Luisa. 2000. "L'Alessandro di Plutarco." In *Rhetorical theory and praxis in Plutarch*, ed. Luc Van der Stockt, 375-86. Leuven: Peeters.

Scott-Kilvert, Ian and Guy Thompson Griffith. 1973. *The age of Alexander. Nine Greek Lives by Plutarch*. London: Penguin Books.

Wardman, Alan. 1955. "Plutarch and Alexander." *CQ* 5 (1-2):96-107.

Whitmarsh, Tim. 2002. "Alexander's Hellenism and Plutarch's textualism." *CQ* 52 (1):174-92.



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

OBJECTIVOS E ÂMBITO

AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica estudos originais e ensaios relevantes de «estado da arte» em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, Espaço Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia, e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo– Revista de História Antiga* não considera o conceito de «Antiguidade» como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também considerados para publicação.

Cadmo – Journal for Ancient History publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published on the aforementioned subjects are also published.

CH

CENTRO DE HISTÓRIA
